

## PERITONITE INFECCIOSA FELINA

PEREIRA, Renata<sup>1</sup>; SECCHI, Lunara Luísa<sup>1</sup>; KRAUSPENHAR, Cristina<sup>2</sup>

**Palavras-Chave:** Gatos. Peritônio. Vasos.

### Introdução

É uma das principais causas de mortes em felinos, onde ocorre uma reação inesperada ao coronavírus, atinge gatos de todas as idades mas com mais frequência em felinos com menos de 3 anos de idade. O nome peritonite é um pouco enganador pois não se trata de uma infecção do peritônio mas sim de uma vasculite. Os sinais que o gato desenvolve vai depender dos vasos sanguíneos danificados e também dos órgãos por eles irrigados.

Esta doença manifesta-se de duas formas, PIF úmida ou efusiva ou PIF seca e não-efusiva. Na úmida é a forma mais grave da doença onde os vasos sanguíneos são gravemente afetados ocorrendo acúmulo de líquido no abdômen e no tórax. E na PIF seca é a forma mais crônica da doença onde o gato possui sinais vagos tais como falta de apetite perda de peso pelagem com pouco brilho (ADDIE, 2005).

O objetivo desta revisão de bibliografia é apresentar e abordar as causas, sinais clínicos, diagnóstico, controle e profilaxia caracterizando assim a peritonite infecciosa felina.

### Revisão de literatura

O vírus da PIF pode ser eliminado e transmitido a outros gatos susceptíveis. O vírus pode disseminar-se pela via oronasal ou por inoculação direta (através de mordidas de gatos, lambedura de feridas abertas, etc.), após contato com gatos portadores, embora a transmissão no útero também seja proposta. A via de eliminação do vírus é provavelmente pela excreção intestinal. Após a infecção, o vírus replica no epitélio intestinal. Isso é seguido por disseminação hematogênica de células fagocitárias infectadas. Há infecção preferencial dos fagócitos do organismo (no fígado, no peritônio visceral, na pleura, na úvea, nas meninges e no epêndima do encéfalo da medula espinhal) (CARLTON; MCGAVIN, 1998).

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta/ RS. [re.adorneles@hotmail.com.br](mailto:re.adorneles@hotmail.com.br)

<sup>2</sup> Med. Vet., M. Sc., Professora do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta/ RS. [ckrauspenhar@yahoo.com.br](mailto:ckrauspenhar@yahoo.com.br)

Para Ettinger e Feldman (1997) na forma úmida este freqüentemente associada ao acúmulo de líquido na cavidade peritoneal ou pleura. Principais aspectos clínicos da forma úmida da moléstia e o derrame peritoneal. Outros aspectos clínicos são anorexia, depressão, depleção, desidratação febre persistente ou decorrente, não respostas aos antibióticos, anemia e gastroenterite inespecífica, além de dispnéia ou icterícia. Segundo Addie (2005) esta é a forma mais grave da doença, em que muitos vasos sanguíneos são gravemente danificados e a acúmulo de líquido no abdômen e no tórax. Quando os vasos sanguíneos do abdômen são afetados, a barriga do gato incha devido ao acumulação de líquido (ascite). Quando são afetados os vasos sanguíneos do tórax dá-se uma acumulação de líquido no peito que impede os pulmões de expandir e dificulta a respiração do gato.

PIF seca ou não-efusiva é a forma mais Crônica da doença. O gato normalmente tem sintomas vagos, tais como falta de apetite, perda de peso, pelagem com pouco brilho. Muitos gatos com PIF seca tornam-se icterícos. Quando se olha para as pálpebras estão amarelas. Se o nariz do gato é claro, também ele fica amarelo. Em muitos casos, aparecem marcas nos olhos, geralmente na íris (a parte colorida do olho em torno da pupila) muda de cor e algumas partes podem ficar castanhas. Pode haver sangramento dentro do olho, ou aparecimento de depósitos brancos na córnea (a membrana transparente na superfície anterior do globo ocular). Cerca de 12% dos gatos com PIF não efusiva desenvolvem sintomas neurológicos: ataxia (desequilíbrio, descoordenação motora), podendo ter também tremores de cabeça, convulsões, olhar pode deslocar-se em direções diferentes sem focarem em ponto definido (ADDIE, 2005).

Para Jones *et al* (2000) microscopicamente a peritonite ou pleurite é uma inflamação fibrinosa clássica, consistindo de uma camada de fibrina de espessura variável, que contem restos celulares sobre uma camada de neutrófilos, linfócitos, e macrófagos. Fibroplasia e proliferação dos capilares podem acompanhar o exudato em casos muito prolongados. O processo inflamatório pode estender-se por baixo da serosa, até qualquer dos tecidos afetados. Abrangendo outros órgãos, como fígado, pâncreas, rim, linfonodos, camadas musculares do trato gastro intestinal, meninges, e olho, as lesões microscópicas consistem de muitos focos de necrose ou inflamação granulomatosa, que são habitualmente observados estendendo-se a partir da parede de um vaso sanguíneo, e incorporando este estrutura. O infiltrado celular se compõe de macrófagos, linfócitos, plamocitos e neutrófilos. Aparentemente a lesão tem aspecto de uma vasculite primaria, e evidencias sugerem que esta lesão é mediada por mecanismos imunes.

O diagnostico normalmente pode ser realizado pela análise de fluido pleural obtido por toracocentese. O fluido da FIP e um oxidato não séptico, geralmente descrito como

piogranulomatos ou fibrinoso. Sua cor tipicamente varia entre amarelo claro e dourado é quase transparente por sua baixa contagem celular, sendo espumoso pela alta quantidade de proteínas. O fluido da FIP pode ser viscoso, aderente e pegajoso, podendo conter manchas filamentosas ou coágulos de fibrina. A concentração de proteínas frequentemente atinge aquela do soro, variando de 4 a 10 g/dL. Eletroforese das proteínas do fluido propicia um diagnóstico confiável para FIP quando teor de gamaglobulina ultrapassa 32% da proteína total, a concentração de albumina é inferior a 48% da proteína total e a relação albumina-globulina é menor que 0,81. Uma distinta mistura de células inflamatórias caracteriza a natureza piogranulomatosa do exudato da FIP, com predomínio de neutrófilos não degenerados e macrófagos, mas também a plasmócitos e linfócitos (BIRCHARD; SHERDING 2008).

Para Meldau (2011) o diagnóstico é feito com base no histórico, sinais clínicos, juntamente resultados de exames laboratoriais, complementados por exames histopatológicos.

A peritonite infecciosa felina é vista, de um modo geral como uma doença incurável. A maior parte das convalescências participadas são, provavelmente, doenças curáveis diagnosticadas como PIF. No entanto, ocasionalmente o tratamento pode ter como uma remissão, que pode durar vários meses. Visto que a PIF é uma doença imune mediada, a terapia inclui a supressão da resposta imunitária normalmente com corticosteróides. Os tratamentos anti-virais por si só não prolongam muito a vida do gato e muitos são muito tóxicos para o animal. É também importante manter o seu estado geral de nutrição, introduzindo vitaminas e antioxidantes. Antes de adaptar qualquer das terapias que se segue, é essencial ter a garantia que o diagnóstico está correto, uma vez que os medicamentos imuno-supressivos podem agravar outras doenças (tais como peritonite bacteriana ou pleuresia) (ADDIE, 2005).

### **Considerações finais**

Concluimos que a PIF é uma doença provocada por um coronavírus onde sua principal porta de entrada é a via oral. A faixa etária mais afetada está entre 6 meses a 3 anos. O sinal clínico da forma efusiva é o acúmulo de líquido em cavidades do organismo e na forma não efusiva ocorre perda de visão entre outros.

É uma doença que leva a óbito quase 100% dos felinos afetados e não possui tratamento eficaz.

## Referências

ADDIE, D.; **O que é a peritonite infecciosa felina.** 2005. Disponível em: <<http://www.dr-addie.com/Portuguese/whatisFIPport.html>> Acesso em 08 ago 2011.

BIRCHARD, M. A.; SHERDING, R. G.; **Manual Saunders Clínica de pequenos animais.** 3ª Ed. São Paulo: Roca, 2008.

CARLTON, W. W.; MCGAVIN, M. D.; **Patologia veterinária especial de thomson.** 2ª Ed., Porto Alegre: Artmed, 1998.

ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C.; **Tratado de medicina interna veterinária.** 4ª Ed., São Paulo: Manole, 1997. v.1.

JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING, N. W.; **Patologia Veterinária.** 6ª Ed., São Paulo: Manole, 2000.

MELDAU, D. C. **Peritonite Infecciosa Felina.** 2011. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/medicina-veterinaria/peritonite-infecciosa-felina/>> Acesso em 08 ago 2011.